

CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA.

GILLES DELEUZE, FÉLIX GUATTARI E O ENSINO DE PROJETO.

MEDRANO, Leandro

Arquiteto, Dr., Professor, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (medrano@fec.unicamp.br)

Resumo

Com o declínio das grandes narrativas, os rumos de nossa sociedade não se estabelecem frente a uma ordem hierárquica organizável ou legível – são formas inconclusas e cambiantes que moldam-se a cada novo momento por impulsos também de difícil identificação. A idéia de modelo (ou verdade) se desvanece frente a uma situação cujos limites e alicerces tornaram-se imprecisos. Em arquitetura, temos como questão primordial o dever de corresponder ao tempo presente – entendê-lo, decifrá-lo, discuti-lo, contestá-lo -, compartilhar de uma vontade social maior e superar os obstáculos recorrentes à nossa arte. “Projetar contra”, como já definiu Giulio Carlo Argan, torna-se uma estratégia essencial – um desafio frente a um mundo pouco disposto às ambições humanas, sociais e culturais da disciplina. Este artigo procura documentar uma experiência didática onde a compreensão dos fenômenos contemporâneos foi filtrada, prioritariamente, sob a ótica conflitante dos polêmicos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os estudos apresentados são Trabalhos Finais de Graduação apresentados para a Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP. Representam muitos dos conceitos direcionados pela organização das disciplinas que acompanham os trabalhos nos dois últimos semestres letivos. O rigor no levantamento de conceitos teóricos e seu afinado aparelhamento a uma pesquisa tecnológica contínua, demonstrou resultados surpreendentes. Na especificidade dos estudos contemporâneos, a já explicitada influência dos autores Deleuze e Guattari revela questões instigantes: qual a validade de seus conceitos no cenário nacional contemporâneo? Como são seus rebatimentos nas posturas projetuais? Como instrumentalizar sua teoria no ensino de projeto?

Abstract

With the decline of the great narratives, the routes of our society do not establish front to a organizable or legible hierarchic order - they are mutable forms inconcluded and that also mold it each new moment for impulses of hard identification. The idea of model (or truth) vanishes front to a situation whose limits and foundations had become inexact. In architecture, we have as primordial question the duty to correspond to the present time - to understand it, to decipher it, discuss it, to contest it -, to share of a bigger social will and to surpass the recurrent obstacles to our art. "To project against", as already it defined G. C. Argan, an essential strategy becomes - a challenge front a world little made use to the ambitions human beings, social and cultural of it disciplines. This article looks for to register an experience didactic where the understanding of the phenomena contemporaries was filtered under the conflicting optics of the controversial French thinkers Gilles Deleuze and Félix Guattari. The presented studies are presented Final Projects for Graduation at the College of Civil Engineering, Architecture and Urbanism at UNICAMP. They represent many of the concepts directed for the organization of discipline that follow the works in the two last periods of graduation. The severity in the survey of theoretical concepts and its sharpened equipment to one searches technological continuum, In the especificity of the contemporary studies, already explicited influence of authors Deleuze and Guattari discloses questions: which the validity of its concepts in the national scene contemporary? How they are its strikings in the projectual positions? How to instrumentalize its theory in the project education?

Introdução:

Projetar para a cidade contemporânea é um exercício complexo: se em outros tempos teorias e paradigmas balizavam critérios, organizavam meios, sistematizavam o juízo, hoje não podemos indicar com eficácia ou responsabilidade uma vertente dominante, segura, correta, verdadeira. Com o declínio das grandes narrativas, os rumos de nossa sociedade não se estabelecem frente a uma ordem hierárquica organizável ou legível – são formas inconclusas e cambiantes que moldam-se a cada novo momento por impulsos também de difícil identificação. A idéia de modelo (ou verdade) se desvanece frente a uma situação cujos limites e alicerces tornaram-se imprecisos. Em arquitetura, temos como questão primordial o dever de corresponder ao tempo

presente – entendê-lo, decifrá-lo, discuti-lo, contestá-lo -, compartilhar de uma vontade social maior e superar os obstáculos recorrentes à nossa arte. “Projetar contra”, como já definiu Giulio Carlo Argan, torna-se uma estratégia essencial – um desafio frente a um mundo pouco disposto às ambições humanas, sociais e culturais da disciplina. Este artigo procura documentar uma experiência didática onde a compreensão dos fenômenos contemporâneos foi filtrada, prioritariamente, sob a ótica conflitante dos polêmicos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

No Brasil o ensino de projeto tem peculiaridades evidentes: resulta em sua essência de um contraponto histórico entre o academicismo da *beaux-arts* e sua filiação ao movimento internacional da Arquitetura Moderna (entendido aqui, prioritariamente, pelos argumentos de Le Corbusier). Este vínculo, que resultou no momento mais heróico e conhecido de nossa arquitetura, demonstra hoje sua seqüelas – principalmente no que se refere ao método didático e de desenvolvimento de projetos. Sem ater-me a um estudo mais aprofundado dessa nossa herança modernista (já bastante enunciada em outros estudos) vale ressaltar que, por estarem vinculados a uma estrutura teórica neotomista – cuja narrativa evidenciava o apego aos ideais iluministas de crença na razão e na tecnologia como aproximações a uma verdade centralizadora e única –, suas respostas indicavam posições unívocas. Baseadas na técnica, no funcionalismo, na racionalidade, e no ideal de formação de uma nova sociedade (moderna), a Nova Arquitetura impulsionaria a formação do arquiteto criador (gênio), capaz de sintetizar um momento histórico, social e cultural em sua obra. Oscar Niemeyer é o representante brasileiro mais emblemático nessa questão: seu processo vai do traço gestual e “espontâneo” ao desenho executivo e obra – esse traço contém como reflexo, todas as respostas às angústias de um tempo –; como criador consciente não precisa do processo ou método, ou pelo menos estes se mantêm ocultos.

Esse “método”, descrito por alguns autores como “caixa preta” (não se sabem os caminhos que levaram a tal solução), é fundamentado obviamente na figura do gênio criador – não resulta em uma escola, sistema ou projeto de ensino; afastando-se assim, das intenções de uma universidade. Não é intenção deste ensaio questionar sua validade, mas discorrer com base em outras técnicas no ensino de projeto. Técnicas sustentadas por um processo de aproximação gradativa as respostas possíveis ao problema apresentado. O projeto surge como resultado conceitual, simbólico, cultural, expressivo, urbano, econômico, técnico etc. de uma realidade apresentada como questão; podemos entender e dialogar com as etapas deste processo (caixa transparente) e nele intervir ou identificar suas falhas. Trata-se de um esquema visível na própria produção contemporânea da arquitetura, os projetos e textos de arquitetos como Rem Koolhaas, Peter Eisenman, MVRDV, Adriaan Geuze, Njiric + Njiric, FOA, dentre outros, representam exemplos desta nova lógica interpretativa. Nesse ponto, volto às intenções deste artigo: neste processo de projeto baseado em etapas sucessivas de aproximação a um problema colocado, minha análise se detém aos pressupostos teóricos/conceituais.

Como dado comum a diversos autores contemporâneos, a organização de um repertório conceitual e crítico forma um ponto fundamental na perspectiva de uma atividade projetual. Repertório que parte da compreensão de uma realidade presente (pela sociologia, filosofia, arte etc.), seus referenciais diretos (autores e obras), suas atualizações tecnológicas (materiais, técnicas, conforto etc.); todos de igual influência e valor nas decisões projetuais – peças de um sistema complexo e articulado que determina sua validade, ou instrumentaliza seu juízo. Os argumentos teóricos (no caso filosóficos / sociais) balizam o estado inicial que antecede o traço – o desenho/conceito que define os passos projetuais seguintes. Nesse sentido, são fundamentais - o erro nesta etapa compromete todas as outras, deixa pálido, superficial, efêmero o significado do projeto.

Os estudos apresentados são Trabalhos Finais de Graduação (TFG) apresentados para a Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP, por alunos de sua primeira turma de formandos. Representam muitos dos conceitos direcionados pela organização das disciplinas que acompanham os trabalhos nos dois últimos semestres letivos (AU001 e AU002). O rigor no levantamento de conceitos teóricos e seu afinado aparelhamento a uma pesquisa tecnológica contínua (sempre com uma finalidade projetual), demonstrou resultados surpreendentes. Na especificidade dos estudos contemporâneos, a já explicitada influência dos

autores Deleuze e Guattari (que foram apresentados aos alunos dentre diversos outros autores) revela questões instigantes: qual a validade de seus conceitos no cenário nacional contemporâneo? Como são seus rebatimentos nas posturas projetuais? Como instrumentalizar sua teoria no ensino de projeto?

Arquitetura, teoria e o Brasil contemporâneo.

A principal característica da Arquitetura Moderna no Brasil – de meados dos anos trinta até a construção da Capital Federal em finais dos anos cinquenta – é a elaboração de uma linguagem que procura mimetizar os estereótipos da nacionalidade aplicada aos projetos dos palácios oficiais de um Estado centralizador. Tanto a reflexão objetiva sobre a transformação acelerada de suas cidades quanto as preocupações com habitação social, traçados urbanos, espaços públicos, e projetos de urbanização, são exceções que confirmam a regra da matriz hegemônica dessa arquitetura moderna em versão brasileira. Como consequência, as grandes cidades brasileiras são a sobreposição de vetores de crescimento direcionados pelas forças de mercado ou pelos processos de exclusão social, por sobre uma frágil base original de ocupação luso-colonial (quase ausente de planos reguladores). As grandes intervenções realizadas a partir da segunda metade do século XX, que tinham por objetivo viabilizar o salto industrial que o país consolidava, se caracterizam pela ênfase viária, fragmentadora do precário tecido urbano que essas cidades haviam definido até então. Baseadas nas teses do urbanismo moderno, essas intervenções não conseguiram ordenar as funções da cidade nem garantir o fluxo crescente de pessoas e mercadorias que congestionavam as antigas ruas e avenidas. Lograram na maioria das vezes a destruição do tecido e da paisagem urbanas, causando problemas de difícil solução.

A exacerbação Moderna no Brasil também prescindiu das preocupações heróicas com a habitação social que dominaram a arquitetura dos anos vinte na Europa. Mesmo as experiências mais notáveis, no período áureo do Modernismo brasileiro, e suas consequências sócio-urbanas tornaram-se um desastre proporcional à ousadia de suas arrojadas soluções formais. Entretanto, quando a explosão das grandes cidades transformou o problema habitacional em prioridade inadiável, no final dos anos sessenta, a cultura arquitetônica brasileira não havia feito auto-crítica de sua produção. Alijada a discussão urbano-arquitetônica e social, o problema habitacional tornou-se um campo para a experimentação tecnoburocrática, fruto de planilhas financeiras que atendiam os interesses dos agentes imobiliários e das grandes construtoras do país, em ritmo de “milagre econômico” dos anos da ditadura militar. O resultado é amplamente conhecido e criticado: os mega-conjuntos habitacionais para milhares de pessoas construídos na longínqua periferia da cidade. Sem infra-estrutura adequada, ou qualquer sentido de urbanidade e cidadania, esses conjuntos logo transformaram-se em um dos maiores problemas sociais das grandes cidades nos dias atuais (pobreza, especulação imobiliária, violência, gueto etc.).

Do ponto de vista urbano, nossas cidades também trilharam a mesma sorte. Fortemente amparadas pelos pressupostos Modernos (via *Carta de Atenas*), responderam aos anseios de uma industrialização crescente sem o contraponto de uma política social e ambiental mais consistente. As seqüelas deste crescimento pouco ordenado são evidentes, mais ainda quando o desejo por um sistema viário eficiente (e lucrativo) se sobrepõe ao desenho e qualidade da cidade. Viadutos, rótulas e elevados de enormes dimensões redirecionam a história de diversos bairros em inúmeras cidades brasileiras: em alguns casos são cicatrizes, em outros ainda expõem suas desastrosas condutas.

No início dos anos 90 chegam ao Brasil as novas preocupações, contemporâneas internacionais, como tentativa de recuperação dos enclaves da cidade (centro e periferias). Algumas experiências são realizadas, procurando reverter essa tendência, mas são ainda incipientes frente ao crescimento desordenado de nossas cidades em pleno colapso – não partilham mais dos ideais de uma lógica moderna e, ao mesmo tempo, poucas são as alternativas exploradas para a urbanização necessária a sua integralização à uma nova diretriz econômica mundial. São evidentes as alterações urbanas e arquitetônicas que esse processo acarretou por aqui, de maneira “desigual e combinada” com o capitalismo avançado

mundializado. São evidentes também os desacertos de muitas das intervenções pós-modernas do período. Estudar novos meios, novas formas de intervenção, novas referências, torna-se ponto essencial para a continuidade e validade de nossa disciplina. Essa é a tônica dos trabalhos analisados – o primeiro atende à questão da habitação coletiva, o outro à relação entre infra-estrutura urbana e arquitetura.

Novas metrópoles mundiais:

Estudo 01, Máquinas de Guerra X Aparelhos de Captura.

A Metrópole contemporânea não é mais apenas uma manifestação territorial, física, formal. Hoje representa o fim da unidade e identidade historicamente apreendida pela arquitetura. Suas ações, comportamentos, dicotomias, perspectivas, retratam uma "realidade" imprecisa – advinda da modernização das tecnologias informacionais (*I.T.*) e seu potencial (real) de transformar o cotidiano do homem e, conseqüentemente, suas posições na conceituação e configuração de espaços arquitetônicos públicos e/ou privados. A distinção centro/periferia é ainda mais complexa: se por um lado o limite físico torna-se impreciso, por outro suas diferenças amplificam-se ao limite do descontrole, do caos¹. A questão da habitação coletiva popular, cerne principal da formação do ideário construtivo e teórico no séc. XX., reflete hoje estas rápidas transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea. A idéia de “modelo”, baseada na esperança ou objetivação em um mundo ideal (utópico), passa a contrapor-se a objetivos sistêmicos fundamentados na adaptabilidade, mutabilidade, flexibilidade de seus princípios e métodos de geração. Não mais a linha, o tronco, a árvore – o *rizoma* (deleuziano) talvez seja a forma mais nítida dessa nossa realidade. Sem a estrutura (moderna?) que marca a possibilidade de uma herança ou vínculo com um passado neotomista, é inevitável a pergunta: quais seriam as soluções possíveis aos espaços habitacionais de interesse social neste cenário de intensas transformações na relação espaço–tempo pelas quais passam as metrópoles atuais? Diante da ausência (e do descrédito) no estabelecimento de uma nova utopia urbana, como intervir e projetar sobre camadas consolidadas de uma realidade indelével?

Sabe-se, o espaço é argumento fundamental na formalização de uma proposta arquitetônica. Constatamos hoje um processo de redefinição – ainda inconcluso – da noção real do espaço contemporâneo. Virtualidade, superexposição, imaterialidade, hiper-realidade, ciberespaço, hiper-espaço são palavras recorrentes em nosso cotidiano de acelerada e desconcertante mutabilidade – capazes de, inclusive, desorientar-nos em relação aos nossos antigos e parasitários paradigmas. A exemplo dos argumentos de Virilio, o espaço substancial, homogêneo, mensurável – condizente com uma arcaica geometria grega – desmaterializa-se, no mundo contemporâneo, em um universo complexo de fragmentos imprecisos, realidades adversas, transmigrações e transfigurações que impossibilitam qualquer idéia precisa de território físico ou cultural². Neste sentido, a compreensão da urbe contemporânea dá-se pela consciência de sobreposições que ofereçam – cada qual a seu tempo – infinitas relações entre sistemas de informações segmentadas, no confronto entre procedimentos materiais e imateriais. A matéria constituída de elementos físicos e representada pela arquitetura (e urbanismo), “organiza e constrói duravelmente o espaço geográfico e político” das cidades. Já os procedimentos imateriais são relacionados a representações, mensagens e imagens indiferentes à sua localização; portanto instáveis à medida que são expressões momentâneas. A imaterialidade é capaz de organizar e desorganizar de forma imprevisível e deliberada a relação espaço-tempo das sociedades em geral. O que nos alerta, a ponto de provocar um processo de reformulação da própria arquitetura (enquanto idéia e forma), é o fato inegável de que essas transformações na concepção contemporânea de espaço, em realidade, são fundamentais para a compreensão dos novos fenômenos sociais, técnicos, lógicos, metodológicos, urbanísticos, políticos e mercadológicos que regem nossas cidades neste final de século - o setor habitacional, inclusive.

¹ Cf. VIRILIO, Paul. “O Espaço Crítico” . Rio de Janeiro , Ed. 34. 1995. p. 19-21.

² *Ibidem*. pg. 17.

Assim, pensar o *habitat* humano, hoje, exige outros olhares sobre as questões que envolvem a realidade (ou as realidades) delimitantes do espaço contemporâneo. Um espaço incapaz de abster-se ao progressivo confronto entre as tradicionais definições de cidade, paisagem e território³. Confronto capaz de gerar posicionamentos imprevisíveis, mas relacionados, necessariamente, a uma abordagem inovadora – que não mais permite o tradicionalismo que invariavelmente permeia o tema residencial. São novas estruturas sistêmicas que buscam a reorganização do território frente às particularidades de nosso cotidiano: dinâmico, impreciso, imprevisível⁴. Conseqüentemente, construir espaços habitacionais nos incita, como parâmetro indispensável, a um inevitável embate com estas novas percepções desenvolvidas pelo homem, cidade, metrópole.

O trabalho desenvolvido pela aluna Julia Spinelli retrata, com precisão, essas novas questões relacionadas às cidades contemporâneas. Nitidamente vinculado aos argumentos desenvolvidos por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, busca a reorganização do território urbano pelo artifício engenhoso e sutil de uma ação conjunta entre programa (político, social, econômico) e forma. A paisagem apresentada – antigas fábricas e galpões abandonados pelo embalo de uma nova realidade econômica – é reconhecida como um desafio, um deserto inexpressivo e vazio onde, como potência, apenas atividades das bordas de nossa estrutura injusta. No local, em seus meandros, os catadores de lixo reciclável se organizam e vivem. A área é central, próxima e conectada com todos os benefícios infra-estruturais da parte mais urbanizada da cidade. Um desperdício, *terrain-vague*, *friches-urbaines*, periferia-do-centro. Espaço à espera da especulação inescrupulosa ou da falsa voga urbanizadora baseada nas fantasias da indústria cultural. A reurbanização, a pesar dos direcionamentos correntes do “urbanismo estratégico” (importado tão facilmente), buscaria a reorganização do espaço sugerido por sua inserção na lógica pós-moderna da classe média operante – globalizada, informatizada, culturalizada: um centro cultural, sala para concertos, auditórios, cinemas, centro de convenções, museu, memória etc. Como resultado, a já anunciada banalização da cultura e um processo inevitável de gentrificação. Benefícios, se houverem, são pontuais e de pouquíssima expressividade social. No revés desta lógica, a aluna busca outro rumo.

Baseando-se nos conceitos de *máquina de guerra* e *aparelhos de captura*, a aluna busca uma outra interpretação para a situação encontrada: os catadores de papel, a cidade fragmentada, os vazios urbanos, a infra-estrutura existente etc. são tidos como parte de uma esquema cuja organização, nos moldes clássicos, seria um erro. Entendidos como nômades, os protagonistas do estudo possuem uma lógica diversa da estrutura burguesa dominante – são como *máquinas de guerra* no desafio de sobreviver a uma lógica perversa a uma minoria “dispensável” às lógicas globais dominantes (econômicas, sociais e culturais). Como descreve em seu memorial:

“A máquina de guerra opera uma guerra sem batalhas, um embate de estratégias contra o aparelho dominador do Estado, das instituições corporativas e dos cânones aceitos pela sociedade. Ela é anterior ao direito, exterior à soberania: um outro espaço-tempo. Age fora do espaço, consolida um território secundário a partir da desterritorialização e reterritorialização de seu próprio território, renuncia a si mesma seguindo caminhos opostos e contraditórios.”⁵

Neste sentido, torna-se imperativo tratar o usuário como nômade. Trabalha, habita, existe e move-se como conseqüência de uma nova ordem mundial; partilha inevitavelmente de seu sentido comum, mas situa-se na margem dos benefícios de sua lógica perversa.

“O nômade é um inventor da máquina de guerra, um inventor do espaço-tempo que ela ocupa: o espaço liso, sem medida, marcado por traços que se deslocam com o trajeto e o tempo. (...) O movimento perpétuo requer uma série de instrumentos de assentamento e deslocamento – estruturas temporárias precárias que redesenham constantemente a metrópole e respondem ao desejo de sobrevivência.”⁶

³ Cf. GAUSA, Manuel. : “Habitatge, Noves Idees Urbanes” in : “Quaderns”. Número 211. 1996. p.2

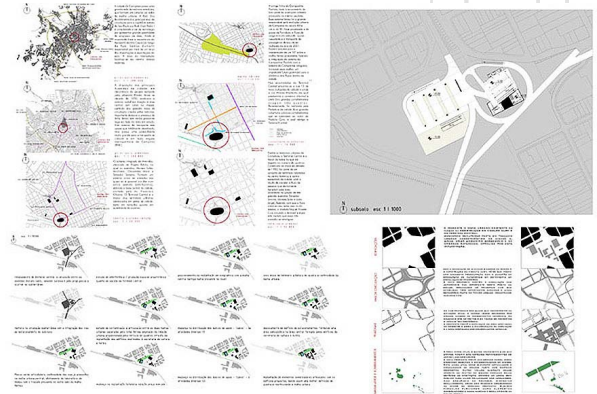
⁴ Cf. HARVEY, David. “Condição Pós-Moderna”. Ed. Loyola. São Paulo. 1992. pp. 263-265.

⁵ Memorial da aluna Julia Spinelli, p. 9;

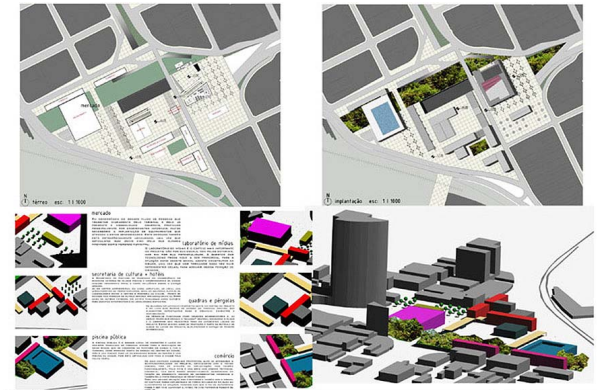
⁶ Idem, p. 10;



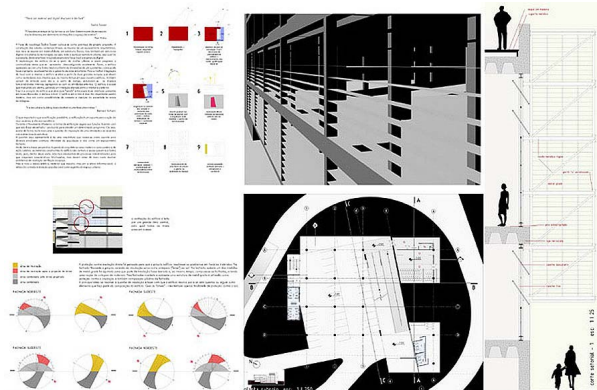
A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas-SP
escala 1/8



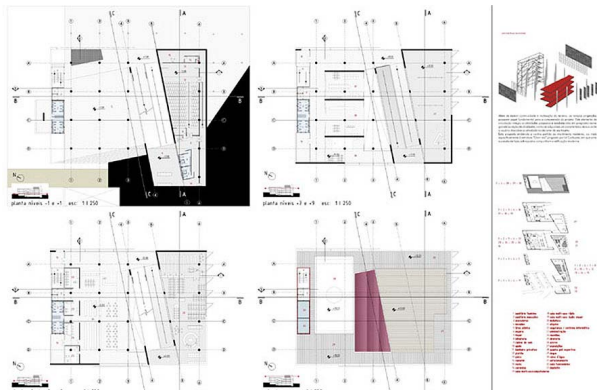
A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas-SP
escala 2/8



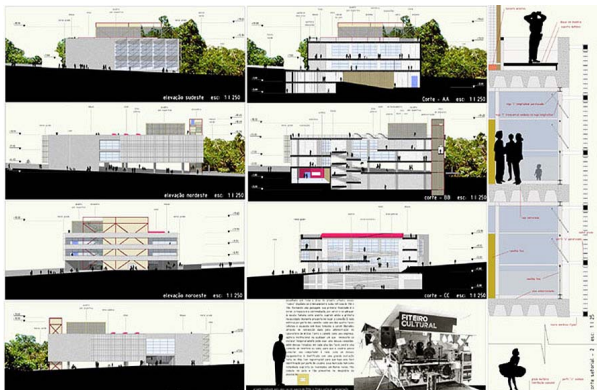
A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas-SP
escala 3/8



A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas-SP
escala 4/8



A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas - SP
escala 5/8



A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas-SP
escala 6/8



A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas - SP
escala 7/8



A FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO
Inserção de potencialidades - Terminal Central / Campinas - SP
escala 8/8

Deconstrução e arquitetura:

Estudo 02, A Figura Humana em Movimento.

Uma das vertentes conceituais mais difundidas e banalizadas pela sociedade pós-moderna é o chamado Deconstrutivismo. A este seria inegável a vontade de estabelecer um sistema comunicativo, novo – indiferente, inclusive, à história em sua forma mais tradicional, linear. O “deconstrutivismo” – diretamente ligado à nova filosofia francesa (pós-estruturalista) – ganha um inegável espaço nos debates culturais contemporâneos, manifestando-se de maneira vigorosa desde o início dos anos 90. Iniciado no final dos anos 60, a partir da leitura de Martin Heidegger por Jacques Derrida, essas teorias, definidas também como pós-estruturalistas, retomam o embate sobre a natureza da linguagem e da comunicação – desdobrando-se em um enérgico estímulo para os rumos do pensamento pós-moderno⁷.

Diferentemente dos pressupostos Modernistas, que mantinham uma direta, proposital e identificável relação entre significado (“mensagem”) e o significante (“meio”), e também contrariando os adeptos de Saussure (que tanto influenciou outro lado do pós-modernismo), onde “tudo é linguagem”; a corrente pós-estruturalista proporia um deslocamento em relação ao discurso (*logos*) de modo a reconhecer, simultaneamente, a “diferença” que separa o Ser do ente⁸. Uma inflexão nada sutil que viria a embaralhar (com o ímpeto habitual das neovanguardas da época) a velha lógica perceptiva moderna, instaurando uma fuga à significação como artimanha comunicativa irreferencial – deslocando a atenção das diferenças, fragmentos, rastros e vestígios de uma idéia imprecisa de significação⁹.

A lógica pós-moderna do “deconstrucionismo”, ao combalir a linearidade da relação entre a intenção do discurso e a maneira com que ele é apreendido, permite uma gama infinita de intercessões capazes de descaracterizar a idéia germinal a outra totalmente adversa. Desta forma entende-se a consideração da colagem e da montagem (sobreposição de significados) por Derrida como modalidades fundamentais ao discurso pós-moderno¹⁰: ao deslocar a “origem” do sentido, seríamos estimulados a “produzir uma significação que não poderia ser unívoca nem estável”¹¹. A idéia do “novo”, desta vez, estaria ligada à fuga – rigorosamente intencional e “planejada” – do referencial. À compreensão da arquitetura contemporânea, estes são pontos fundamentais.

À parte a crítica à seu lado estilístico, que a rigor fugiria à regra de sua própria ideologia, o deconstrutivismo restaurou ao discurso arquitetônico a capacidade de dialogar, pela abstração de uma forma não “ficcional”¹², com uma dinâmica espacial adversa à “origens” pré-concebidas; sendo portanto, capaz de corresponder – por sua capacidade e liberdade inventiva – a parte das demandas crescentes da sociedade pós-industrial. O espaço, agora não representativo e auto-referencial, libertar-se-ia mais uma vez de uma ditadura obtusa do historicismo e do culturalismo; e ainda, diferentemente dos modernos, afastar-se-ia da submissão ideológica na razão absoluta – ou de qualquer tipo de verdade, indiscutível e universal. O apelo à invenção¹³, à “imaginação”¹⁴ e ao “novo” permitiria uma resposta ao local (sua cultura, história, topografia, entorno, etc.) como um autêntico manifesto emancipativo – contrariando fatos e revigorando outros –, mas buscando resposta em uma arquitetura fundada em valores, hoje, indispensáveis a questões referentes à construtibilidade, viabilidade econômica, retorno mercadológico e de marketing, comunicabilidade etc. Uma arquitetura, acima de tudo, capaz de atender às transformações constantes de valores que, tão intensamente, caracterizam a sociedade pós-industrial; e ao mesmo tempo, mesmo que involuntariamente, tendem a corresponder às demandas do capitalismo-avançado.

⁷ Cf. HARVEY, David. “Condição Pós-Moderna”. Ed. Loyola. São Paulo. 1992. pg.53.

⁸ Cf. DELACAMPAGNE, Christian: “História da Filosofia no Século XX”. Tadução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda. 1997. pp260 -262.

⁹ Cf. ARANTES, Otilia B. Fiori - “O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos”. São Paulo. Nobel/Edusp. 1993. pp. 78-85.

¹⁰ Cf. HARVEY, David. “Condição Pós-Moderna”. Ed. Loyola. São Paulo. 1992. pg.55.

¹¹ DERRIDA, Jacques: *Apud. Ibidem.* p. 55

¹² Tendo “ficção” no sentido de simulação, como bem expõe Eisenman no texto: “O Fim do Clássico: O Fim do Começo, O Fim do Fim”. in: Catálogo da exposição: “Malhas, Escalas, Rastros e Dobras na Obra de Peter Eisenman”. São Paulo. MASP. 1993. pp. 27-36.

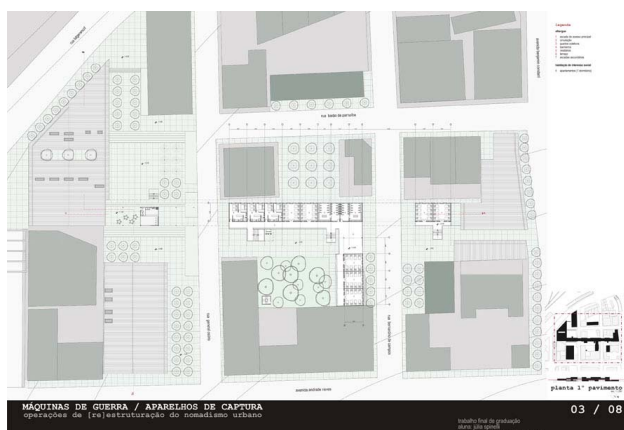
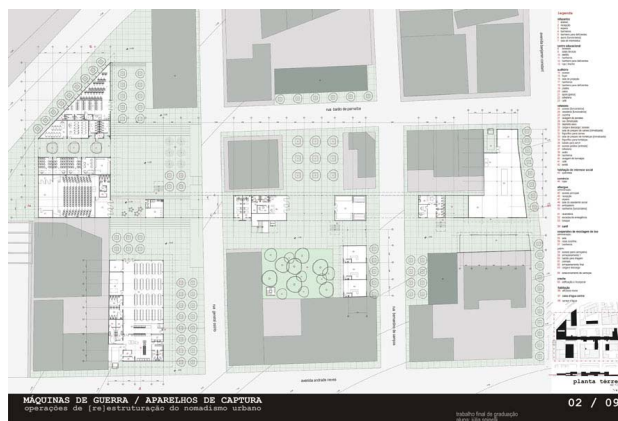
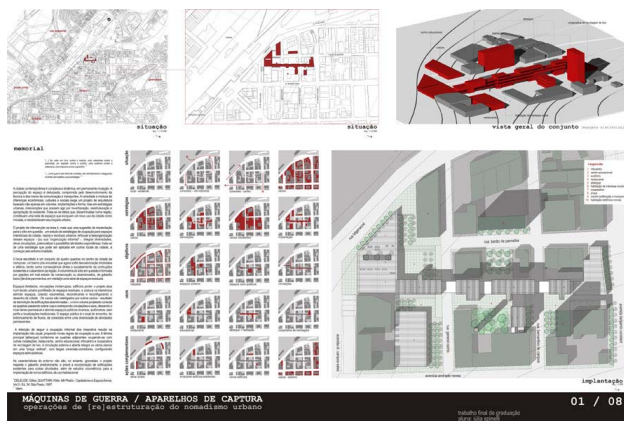
¹³ Cf. KOOLHAAS, Rem: Em entrevista realizada por Alejandro Zaera; revista “El Croquis” no. 53; pg. 18. O arquiteto reafirma, como legado de toda uma nova geração, a valorização do conceito de “invenção” em oposição a uma arquitetura da “réplica”, que nos anos 70, surgira em contraponto ao modernismo.

¹⁴ Cf. QUETGLAS, Josep: “No te Haga Ilusiones” in: “El Croquis” no. 30+49,50. pp. 22-28. O autor desenvolve o conceito de “arquitetura da imaginação” (referindo-se à obra de Enric Miralles) em oposição a “arquitetura da fantasia” (referindo-se a maneirismos inconclusivos e vulgares de certas arquiteturas)

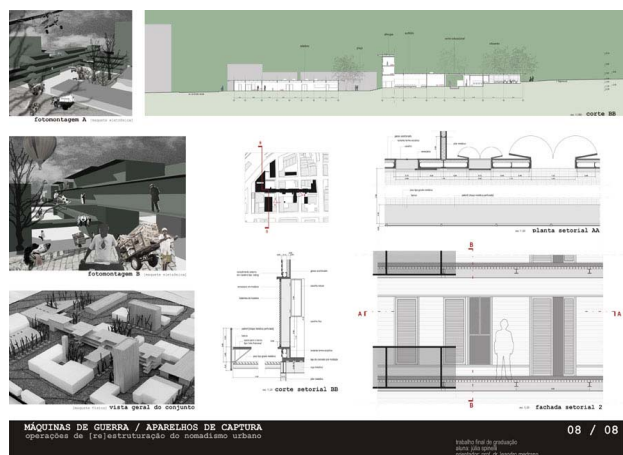
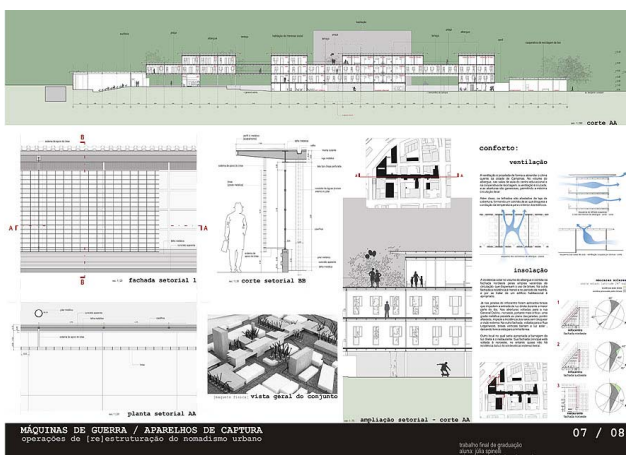
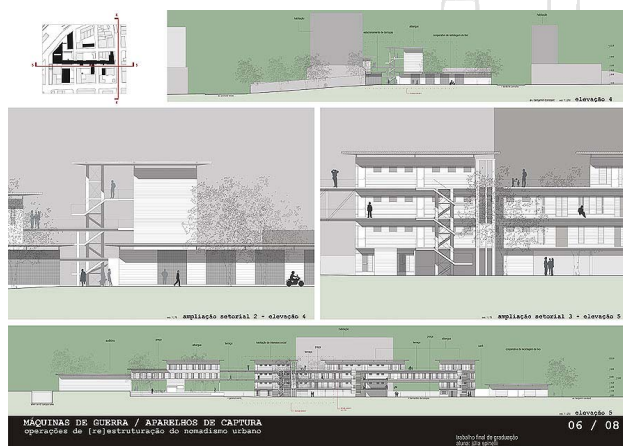
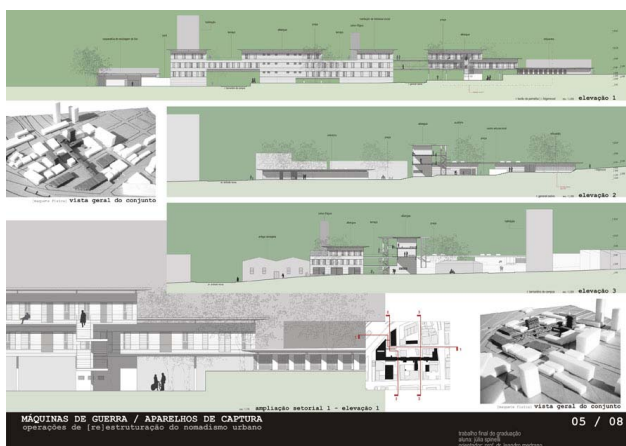
Como em toda tentativa de organizar a história e seus movimentos por “slogans”, simplificações; o termo deconstrutivismo tornou-se uma distorção. Distancia-se de sua especificidade temporal (não adequada, inclusive, para a emblemática exposição de Philip Johnson), para tornar-se um termo genérico e disperso. Na ampliação de seus significados, os pensadores Deleuze e Guattari, assim como Foucault, Derrida, Heidegger, tem seus conceitos apropriados por muitos dos arquitetos enquadrados ao termo. Em grande parte dos casos, sua assimilação é superficial – um apego aos termos mais marcantes de sua filosofia como forma de demonstrar uma suposta contemporaneidade projetual.

Distante, intencionalmente, da afetação do termo, mas atento por buscar novas relações espaciais e programáticas (potencialidades), a intervenção do aluno Eduardo Costa busca a reurbanização de uma dada região (viaduto Cury, Campinas, São Paulo) por conceitos aproximados da chamada filosofia (ou arquitetura) da deconstrução. No entanto, fortemente amparado por conceitos deleuzianos, busca uma outra lógica para a organização do território contemporâneo – distante do formalismo superficial da vertente mais estilística do chamado deconstrutivismo. A intervenção, que tem como finalidade reconstruir o tecido citadino cuja lógica é interrompida por uma situação onde o sistema viário prevalece e dita as regras de um urbanismo desumano e parcial, encontra em Deleuze e Guattari alguns de seus principais argumentos. Principalmente no conceito de rizoma exposto no volume 01 de “Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia” que se contrapõe a estrutura arbórea ou de raiz (do pensamento estruturalista). O rizoma é a multiplicidade, não tem começo ou fim, é o Uno e o todo, não tem forma, dimensão, volume. O rizoma é o oposto à árvore, é a antigenealogia. Em resumo, é a imagem possível da cidade em estudo, seus conflitos, a ausência de planos, a ineficiência do projeto, a obsolescência do desenho. Não é a desordem ou o caos, mas a possibilidade de uma outra “organização” (rizomática).

*“(…) não se trata de num dado contexto responder arquitetonicamente ou urbanisticamente com um ou outro projeto ou situação / função que venha a dialogar, conversar ou contrapor-se à já existente. A questão é a procura de um projeto que crie a possibilidade de questionamento e mutação constante (...) que deva ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”.*¹⁵



¹⁵ Memorial do aluno Eduardo Costa, p.10;



Conclusões.

Nas duas situações apresentadas, habitação para nômades urbanos (catadores de papel) e a reurbanização da complexa rotatória elevada (Viaduto Cury), ficam evidentes a necessidade de uma instrumentação teórica que compartilhe das intenções apresentadas pelo programa e sejam compatíveis com os anseios da cidade pós-industrial. Os conceitos Modernos, ou estruturalistas, não mais satisfazem ou respondem à nova lógica que este sistema impõe. A pós-modernidade estilística, superficial ou formal também não é alternativa desejável – sua fragilidade obscurece seus conceitos – o enunciado mundo das imagens precisa de um contraponto real; as cidades. Uma outra via é acolhida pela alternativa ao estado dominante (*máquinas de guerra*) e por uma leitura distinta de seu sistema (*rizoma*). Sem a consciência destes conceitos os projetos não existiriam na forma como resultaram.

No Brasil, onde a modernização periférica deixou as seqüelas de um momento heróico jamais reproduzível (de nada nos adianta a nostalgia) e a pós-modernidade estilística foi irrelevante para a melhoria de seu território; os argumentos de Deleuze e Guattari revelam alternativas para um melhor posicionamento da arquitetura frente à sociedade contemporânea. Nos projetos que apresento essas questões são evidentes – fecham com exatidão um ciclo que vai da busca por conceitos teóricos à formalização de uma postura projetual propositiva instrumentalizada nos pensadores estudados.

Obviamente, os TFGs apresentados como estudo de casos, não reduziram suas pesquisa teóricas a Deleuze e Guattari. Milton Santos, Virilio, Gauza, Lyotard, Harvey, Huyssen, Koolhaas, Eisenman, dentre outros também exerceram extensa influência nestes trabalhos. Entretanto, os conceitos de “máquinas de guerra x aparelhos de captura” e de “rizoma” fundamentam os enunciados apresentados. Sem eles, não seria possível, tal como foi apresentada, a leitura e o entendimento da cidade e suas questões. Mudam o foco, refazem expectativas, criam esperanças. Não são novidade em trabalhos de arquitetos ou estudantes, mas, pela pertinência de seus discursos, ainda instigam a necessidade de maiores estudos sobre sua validade nas metrópoles brasileiras.